

## #13 Os Doze Elos da Origem Dependente – RI 2020

Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #13

Transcrição: Luciana Oliveira dos Santos, Piter Moser, Glenda Campos

Revisão: Piter Moser

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

*Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com).*

## Os Doze Elos da Origem Dependente

---

Agora vamos iniciar a parte dos doze elos, propriamente dita. Esse tema, eu sempre acho muito extraordinário, muito, muito extraordinário. Ele é apontado pelo próprio Buda de uma forma simples, ele diz: quem entende a originação dependente, entende a mente do Buda. É uma coisa simples assim. Eu acho que é um tema ao qual deveríamos nos dedicar, deveríamos olhar. Quanto mais olhamos a originação dependente, entendemos como as coisas enfim operam, como elas não são sólidas, mas elas parecem sólidas. Vamos entender isso, vamos entender como a mente está operando. Nós ocupamos muito pela operação causal: fazemos uma ação, aquilo tem uma consequência. Ficamos sempre olhando como aquilo funciona, mas a originação dependente atua no estabelecimento do jogo, no valor de cada peça dentro do jogo, no significado disso. Ela estabelece o jogo, há esse movimento real, que precisaríamos entender. A originação dependente trata disso.

O primeiro dos doze elos da originação dependente é Avidya. Eu vou descrever isso como Avidya inseparável de Moha. Avidya corresponde ao fato de que quando a mente opera em uma certa direção, ela produz imediatamente um referencial e ele tolda a operação da mente. Por exemplo, vamos pensar assim: nós estamos aqui em retiro e isso parece uma coisa super ampla. Mas o fato de que estamos em retiro nos limita, nós estamos com a mente operando segundo um certo balizamento. Nós o construímos, não precisávamos ter construído, mas construímos, e, uma vez que ele esteja construído, nossa mente opera em referência a ele. Naturalmente ao que não é o que está dentro disso, nós temos menos sensibilidade ou simplesmente não olhamos. Avidya está ligada a isso, se vocês olharem, ela não é uma atividade negativa ou restritiva. Ela é um foco, e quando um foco surge para a mente, excluimos o que não está no foco. É uma coisa assim. Eu vejo o que está no foco, o que não está, eu não vejo. É simples. O fato de a mente poder se focar, poder

focar em algo, é a base de Avidya. Agora, Moha é um atributo de Avidya, que vem junto com ela. É o fato de que não há nenhum sinal de que alguma coisa não está andando bem. Não tem nenhum sinal: “Plim, plim, plim... Você está operando no modo Avidya! Plim, plim, plim...” Não há nada assim. Há uma naturalidade: estamos operando com um foco, pronto! Não falta nada. Esse aspecto esconde de nós a estreiteza da mente. As pessoas que estão operando com a mente focada em alguma coisa, na visão dos outros, estão com a mente estreita. Quando está com a mente estreita, a pessoa não nota isso. Ela está ocupada, ela está operando – aquilo parece grande, parece relevante e a pessoa opera. Esse acomodamento, esse conforto, dentro da operação mental seja qual for, isso é Moha. Vamos supor: os jovens estão no computador, estão jogando focados, há uma super energia. Ou seja, eles não veem a roupa tirada, a cama desarrumada, não veem se tomaram ou não tomaram banho, se tomaram ou não tomaram refeição. Não estou aqui reclamando da Talita e do Henrique: não estenderam a roupa, não guardaram coisa nenhuma, não ajudaram a lavar a louça, nada. Eles estão focados, super focados. A mente brilhando! Por outro lado, não há nenhuma sensação de que há algum problema, é natural. Esse é o aspecto de Moha: nós estamos naturalmente operando ali. Mas cada um está fazendo isso: pais e mães, ou seja, quem for fazendo sua atividade acha que aquilo é o mais importante, quer enquadrar tudo dentro daquilo. Desse modo também: eles também estão confortáveis e acham que aquilo é o máximo. Eu acho isso muito comovente, se olhamos o universo das escolas também. Nesse tempo eu fico olhando as escolas, o que elas estão ensinando. Eu fico assim, super admirado de ver a perda de tempo. Mas também aquilo surge como um foco, como uma urgência, como provas, como tabelas de tempo. Aquilo tudo surge como se fosse muito relevante. Eu fico admirado, eu gosto de ver essas coisas. Há esse exemplo que uma vez eu li, do Fulgêncio Batista. Acho que vocês nem sabem mais quem ele é. Também não foi do meu tempo, passou por perto. Fulgêncio Batista era o presidente na época em que Fidel Castro tomou o poder em Cuba, foi o último presidente antes de Fidel Castro. Ele era aliado dos americanos, alguém que vendia Cuba para eles, completamente ligado a eles. Então, já havia a revolução dentro de Cuba, mas eles minimizam aquilo. Se conta que estava o Fulgêncio Batista junto com os empresários americanos no palácio e eles estavam combinando investimentos, expansão. Avidya e Moha, aquilo bem visível. De vez em quando eles escutavam o barulho dos tiros a distância. “Ah, isso aí não é nada”, dizia o presidente. Daí a pouco entra um assessor e diz, “venha aqui um pouquinho”. O Fulgêncio saiu por uma porta de trás e nunca mais voltou. Acho que ele pegou um avião e foi... Esse é um ponto interessante... Eu acho isso muito interessante porque se conecta a esse exemplo que eu tenho trazido, do bolo em cima da mesa: as formigas estão todas indo em direção ao bolo e de repente o tiramos e olhamos para as formigas, elas continuam indo, subindo e descendo. Isso é Avidya também. Ou seja, para as formigas está tudo bem: elas têm a mesma mente focada e seguem operando com a energia do mesmo jeito, elas estão vendo aquilo, estão operando em um mundo abstrato. Esse conforto, essa naturalidade, essa sequência, esse movimento, isso é Moha - essa naturalidade que vemos melhor quando aquilo não faz mais sentido. Vocês imaginem: agora a pessoa sai de casa, põe a máscara e vai numa loja comprar uma bolsa de uma grife. Aquilo não está fazendo sentido, pessoal... Agora olhamos propaganda de carros: “Agora lançado o carro 580 hp! Ele foi testado na pista, faz isso, aquilo...” Isso não faz sentido nenhum pessoal, nada, nada... No entanto aquilo está lá, você vê aquilo. Assim, eles estão como formigas que caminham em direção a alguma coisa que não existe mais. Mas é Moha, leva um tempo para as agências de propaganda, os programadores se darem conta de que aquilo passou, aquilo não faz sentido. É uma

coisa curiosa, você vai pegar um carro desses e fazer o quê? Vai furar o bloqueio, vai furar o recolhimento das pessoas? Como é que vai fazer isso? Aquilo não tem sentido. Tem roupas de grife, mas você vai usar onde mesmo? Na frente do seu espelho, no quarto da casa? Aquilo perde o sentido. No entanto, se aquilo segue, é Moha, vocês entendem? Há um foco e há um conforto. E essas grandes empresas? Outro dia eu estava vendo: essas empresas de grife estão todas com 90% do faturamento deles afundado, ou seja estão com 10%, estão fechando lojas no planeta inteiro. Em um certo momento, mesmo que você não veja, quando de repente você olha para o caixa você vê! Tem que pagar os funcionários, pagar as pessoas e começa demitir todo mundo... acorda. As formigas terminam chegando no bolo e se dão conta, e se quebra Moha. Mas uns dias antes, aquilo não era visível.

Quando começou esse Coronavírus eu fui lá na escola, no colégio Marista, fui lá conversar com o pessoal. Eu falei com uma pessoa que é representante do grupo e eu digo:

- Olha, em Paris eles estão fechando as escolas, em Nova York também. Como vai ser aqui?

Eles olharam para mim como se eu fosse um óvni, como se eu fosse um ser de outro planeta. “Como, nós estamos em Viamão!” Eles não disseram, mas eu li. “Viamão não tem isso! E interessante, na semana seguinte a escola estava fechada. Por que? Porque há um movimento. O governo do estado diz: “Em Junho vamos reabrir as escolas”. Eu fico olhando assim para eles... Se cada vez tem mais casos, então vai reabrir como? Avidya é um foco. Eu acho melhor evitarmos as culpas. Avidya não é uma coisa negativa: se eu mantenho o foco em uma coisa, eu perco a outra. Esse é um bom argumento para os adolescentes com os pais:

- Você não viu isso, não viu aquilo!

- Mas papai, eu estou focado! Olhe aqui, estou com fone, estou ouvindo isso aqui o tempo todo! Estou focado! Você que tem a mente para todo lado, fica olhando a vida dos outros. Eu estou focado!

Paradoxalmente, a capacidade de foco retira. Eu cruzei com esse período da ditadura, todinho, do início ao fim. Me sentindo bem. Mas eu lembro quando eu estava na faculdade, estudando com foco e as pessoas me chamam de alienado, e com razão, essa era a palavra que se usava. Havia um movimento político, uma coisa super complexa acontecendo e aquele óvni lá estudando física, o dia todo. Isso é pura alienação, eu devia estar no meio da revolução! Mas eu estava na alienação, fazer o que né... Há esse ponto. Isso é Avidya.

Mas eu estou aqui descrevendo Avidya em termos humanos. Então vocês retornem, o ser humano não apareceu ainda. Estamos lá no início, ou seja, a mente búdica livre, sem corpo, pode operar segundo um foco específico. Isso dá origem aos mundos. Na medida em que a mente vai operar com um foco ela cria. E quando ela cria uma imagem, essa imagem é uma manifestação da própria mente. Mas quando a mente cria uma imagem, ela é capaz de olhar a imagem. Se ela não é capaz de olhar a imagem, então a imagem não está criada. O aspecto de criação de uma imagem, é o aspecto do surgimento da dualidade.

Vocês imaginem, assim como um sonho: em meditação, criem um símbolo azul, branco, preto, glorioso, radiações de luz. Se você tiver a sensação de que ele deveria ser vermelho, não é, não é! Nós criamos então uma bola azul gloriosa, flutuando. Quando criamos isso, podemos criar. Mesmo os colorados podem, vocês façam uma forcinha... Cria-se essa bola azul flutuando gloriosa. Quando criamos isso, não há como criar essa bola sem existir alguém que vê a bola. Quando criamos a bola, criamos o observador da

bola ao mesmo tempo. Então, para qualquer coisa que criamos, criamos o observador junto, senão não há como ver. Agora vamos supor que eu crie aqui uma imagem. Vocês estão vendo a imagem que eu criei? Ninguém está vendo, entende? Eu surjo como aquele que vê, ao mesmo tempo surge uma identidade ali, um embrião de identidade que surge. Em cada coisa que criamos há um embrião de identidade. Essa criação, que é muito simples, é cheia de detalhes. Ela na verdade não é simples, ela é complexa. Porque não só criamos aquilo: criamos o objeto e o observador. Se não houver observador, não há objeto. Mas se o objeto surge, percebemos que surge um observador específico. Esse observador já é a marca mental que faz a energia luminosa de base, que é a clara-luz, operar produzindo aquele conteúdo. Aquele conteúdo não é sólido, ele é um conteúdo que é visível para o observador. Então ele é luminosidade, só que ele não é só luminosidade, ele é energia. Se não houver energia sustentando aquilo desaparece, existe energia sustentando. Essa energia tem um nível de fragilidade, vocês vão ver o início do processo de defesa, ele se dá. Já vai surgir o processo de defesa que é o embrião da serpente. Existe o trabalho de manter aquilo funcionando, que é o embrião do galo. Surge o ser que está vendo, que é o embrião do javali. No início, na primeira experiência, nós já temos o embrião de todo o samsara, já está brotando aquilo tudo.

Agora, quando fazemos isso, automaticamente há Rigpa. Porque Rigpa é a capacidade de ver isso acontecendo. Rigpa brota da mente livre, não brota da aparência ou da experiência de ver aquele objeto criado, não brota disso. Ela brota da dimensão livre de ver o que está acontecendo. Está tudo ali, o teatro está pronto. Daqui nós vamos ter um desdobramento sequencial sem que nenhum desses atores se retirem mais de cena. Eles vão continuar atuando, vão se desdobrando em outros detalhes. Avidya começa nesse ponto.

Ninguém sinta que isso é uma coisa sua. Isso é uma coisa atemporal.

Na sequência de Avidya nós temos Samskara. Samskara são as marcas mentais. Samskara surge como uma operação mental que foi feita e há um arquivo agora que guarda aquilo. Esse arquivo guarda a esfera gloriosa, azul, que flutua. Nós podemos ir adicionando outras operações, outras operações, outras operações... termina surgindo Alayavijnana. Alayavijnana é esse depósito de impressões, esse depósito de marcas. A nossa mente com o tempo começa a focar mais e mais a operação a partir de elementos que já foram trabalhados. Nós tomamos as esferas e combinamos com outras coisas, e combinamos com outras e vamos juntando aquilo e fazendo aquilo se desdobrar em outras direções. Isso é chamado de origem dependente. A esfera que eu crio, a primeira, ela não é dependente, eu criei. Mas depois tudo o que eu criar a partir das esferas, ou seja lá do que for que eu construí de modo livre, tudo o que eu for construindo a partir de Alayavijnana se dá a partir de origem dependente. Então vamos supor, nós estamos nessa sala aqui: como é que nós vamos pegar as mesas para poder fazer uma limpeza na sala? Não estou dizendo nada assim... Mas vamos supor, nós vamos precisar de empilhar as mesas. Então pegamos uma mesa, empilhamos, pegamos outra, empilhamos, vamos fazendo assim... Aí, eu estou raciocinando a partir das mesas: a partir do chão, das paredes, dos cantos que eu estou vendo. A sala está bem limpa, a sala está ótima! Mas eu poderia estar aqui, olhando assim e vendo que teria para limpar. Eu estou na origem dependente. Eu olho para a janela, vejo que ela está assim... vejo que eu podia limpar esse vidro... Isso não é nenhuma sugestão... assim, isso é origem dependente: olhamos para uma coisa e a mente segue a partir daquilo que foi olhado. Na dependência de alguma coisa, surgem outras coisas. Isso é origem dependente, é isso!

Nós temos a mente primordial que é a mente livre, kadag, espaço, a mente original. O estado natural é mente livre, não é a minha mente povoada com referenciais. É a mente livre. Há a operação a partir da mente livre e há a operação a partir da mente fundamental. Posso operar a partir da mente primordial ou a partir da mente fundamental. A mente fundamental é Alayavijnana. Por exemplo, quando nós sentamos em silêncio, para a maior parte das pessoas, é muito raro que a pessoa repouse na mente primordial. Ela repousa numa mente condicionada, ou seja, ela repousa no conjunto de suas próprias impressões. É fácil de se dar conta disso. Por exemplo se você perguntar a um praticante:

- Onde você está?  
 - Eu estou em uma sala de meditação.  
 - E essa sala está onde?  
 - Ela está no Bacopari.  
 - Então tá, você está perdido!  
 - Como, mas não é isso?  
 - É isso, mas você está perdido dentro da mente fundamental. Você não está no espaço básico, flutuando num lugar sem gravidade.  
 - Eu não tinha pensado nisso!

Essencialmente, nossa mente está livre. Mas nós temos uma porção de construções, construções surgem como as próprias aparências ao nosso redor, e como a própria sensação de existência. Nossa mente vai abrindo essas impressões todas, vai se livrando das impressões, e de repente nós podemos ver essa condição livre. Quem é que vê a condição livre? Rigpa, que está olhando como é que a mente está operando. Como vemos que a mente está operando de modo condicionado? É Rigpa, a mente olhando a mente. A mente é autoconsciente. Nós temos essa operação, que vamos descrever a mente fundamental. Existem vários nomes para isso, mas um deles é a mente fundamental, essa mente fundamental é essencialmente Alayavijnana. Aqui, nós estamos tratando do embrião disso, o embrião dessa mente é Samskara, o conjunto de marcas mentais.

Nós temos a operação da criação direta, nós temos tudo o que foi construído, que são Samskara. A partir desses Samskaras que caracterizam a mente fundamental, nós temos o terceiro dos doze elos, que é Vijnana em tibetano é Namparshepa. Vi é dualidade, jnana é sabedoria, Vijnana é a operação a partir da dualidade. É a lucidez que surge a partir da dualidade. É a lucidez de pais e mães, sempre a partir da dualidade, sempre a partir de referenciais condicionados. Professores, pais e mães, é tudo a mesma coisa, todos eles operando... E nós também, nós olhando para nós mesmos. Nós temos esse conjunto de referenciais. Agora, no contexto dos adolescentes, os pais perguntam:

- Você está realmente se preparando para o ENEM? Você sabe que pode cursar uma faculdade em Portugal(!) a partir do ENEM? Você pode ir para a Europa, virar cidadão europeu!

Que maravilha!  
 Acho que eu vou fazer o ENEM!

Surge um referencial e então aquilo aparece. Nós começamos a julgar tudo a partir desse tipo de operação. Nós temos muitos elementos condicionados e há uma mente que se dá por dentro disso.

Nós sempre temos amigos consultores que entendem tudo sobre os mundos condicionados e sabem como é que se juntam daqui e vão para ali... Como é que tem uma fresta na lei aqui, uma vantagem ali... Por exemplo, os advogados andam em mundos específicos, mundos irreais também, específicos. Eles sabem quais são as portas atrás da coluna que ninguém está vendo, eles sabem como é que se atravessa daqui pra lá, de lá pra cá. Eles são especialistas em Alayavijnana. Há um mundo das leis e eles sabem

transitar ali, nós precisamos de consultoria. A Madá tem experiência nessa parte contábil também, que é um outro mundo mesmo. Um mundo difícil de se movimentar. Por exemplo: você tem uma atividade e você tem uma consultoria de um escritório de contabilidade - só para ele te dizer como é o caminho que você tem que obedecer todo mês! Mas a estrutura das leis, a estrutura do mundo contábil é móvel, ela está se movendo o tempo todo. E os escritórios, ou seja a vigilância do sistema, podem não te avisar das coisas que estão acontecendo. Por exemplo, o CEBB é essencialmente a sangha, mas nós não conseguimos funcionar bem se não tivermos conta bancária, não pudermos comprar, vender – fazer as coisas acontecerem. Mas para podermos fazer isso, precisamos de uma estrutura para que o conjunto de leis nos reconheça. O CEBB surge essencialmente por isso. Tem que ter uma estrutura, tem que ter presidente, secretário, segundo secretário. Tudo isso por causa da própria estrutura externa que te obriga e te dá o nome dos cargos que você tem que criar. Não é que inventamos isso, aquilo está tudo regulamentado por lei, você tem que ter um advogado que assina quando vai fazer uma coisa dessas. Senão, o banco não aceita, não tem como abrir conta. Super difícil, super complicado. Isso é regido por leis e elas mudam o tempo todo. Para você poder se manter vivo dentro disso, você precisa contratar gente para te aconselhar como andar no meio disso. Você, tem que prestar relatórios mensais, relatórios anuais, tem que prestar conta de tudo. Por exemplo, se alguém está precisando de alguma coisa e nós vamos tirar dinheiro do CEBB para dar para aquela pessoa, não pode. Simplesmente não pode, só pode certas coisas. Nós somos todos limitados por lei. E as instituições são criadas cada uma de um certo jeito. Por exemplo, tem que surgir o Instituto Caminho do Meio porque o CEBB não pode ter escola propriamente. Então, tem que haver um outro estatuto para permitir o surgimento da Escola Caminho do Meio. Aquilo vai indo assim... Por exemplo, se fizermos uma doação do CEBB para o Caminho do Meio como uma forma de empréstimo, por exemplo, o Caminho do Meio não pode dar de volta para o CEBB porque uma instituição como o CEBB ainda pode doar mas uma como o Caminho do Meio não pode. Aquilo está tudo no estatuto. Se você abrir uma conta bancária e não tiver um nome exato do banco com todas as especificações, o banco não abre a conta. E você tem que definir claramente quem pode assinar, quem não pode, quem é que faz o que. Tudo completamente claro. Porque isso é base para os processos judiciais que vão responsabilizar pessoas e instituições. É um emaranhado – isso é o Samsara, entende? Isso é o Samsara. Eu estou aqui dando um exemplo na área jurídica, na área contábil, de como surge a floresta dos significados e da origem dependente. Nós vamos nos movimentar no meio disso. Você chega em algum lugar e eles querem sua identidade, você puxa a identidade e mostra. Você não está falando de você mesmo – você é uma identidade dentro do processo jurídico, é isso que eles querem saber. Existe essa brincadeira, que para nós é uma brincadeira mas isso era uma coisa real. Acho que foi um Rinpoche que mencionou isso, foi um Lama, acho que não foi o Chagdud Rinpoche. Ele dizendo que um estava tibetano cruzando a fronteira e eles disseram: - Seus documentos. - Como assim os documentos? Eu estou aqui, sou eu, sou eu! Agora eu preciso de um papel que diga: eu? Não é maravilhoso isso? Aí você precisa de um tempo para entender que não basta que você esteja ali. O documento: tira uma foto aí, gruda num papel, bota um nome e está aqui o documento! Olha aqui, sou eu, esse sou eu mesmo! Não é incrível? Não basta a pessoa? Que documento precisa? Agora, vou ensinar um Bodisatva que precisa de documento, é muito gozado isso. Ou

seja, você não é você. Você não precisa ser você, você precisa ser um ser dentro daquele mundo construído. Você não tem um passaporte para operar dentro daquele mundo de construções mentais, você é apenas você, isso não serve. Você tem que ter uma garantia que você é um personagem válido dentro do mundo que ele está operando. É mais ou menos isso.

Aquilo é um mundo irreal. Irreal no sentido que ele é todo construído. Mas a mente opera por origem dependente, ela vai vendo as coisas e vai dando significado. É maravilhoso que nós sempre temos amigos que estão dentro desses mundos que eles entendem o que é aquilo e nos aconselham, porque ficamos atrapalhados no meio disso. Eu me lembro assim, uma vez viajando em outro país: você põe uma moeda e compra um ticket, aí entra no transporte e a primeira coisa que você faz é inutilizar o ticket. Como é que é isso? Eu entro com o ticket e eu tenho que inutilizá-lo? Então para que eu tenho que inutilizar? Eu já compro ele inutilizado. Se eu não tiver com o ticket inutilizado na minha mão eu estou ilegal. Eu compro o ticket, não inutilizado, entro, e se eu estiver dentro e não tiver um ticket inutilizado, eu estou fraudando o sistema. Todos os brasileiros guardam o ticket. Eles descem com o ticket: bom já tenho para o próximo! É muito gozado, é uma forma pela qual vamos construindo mundos. Construindo mundos de significados assim.

Esse mundo de significados fica denso, há pessoas super hábeis no meio disso. É sempre necessário termos um pai, uma mãe, um tio, alguém que tenha habilidade para andar nesse mundo para nos aconselhar quando somos seres virtuais andando dentro de mundos virtuais. As crianças ficam jogando no computador e não entendem esse mundo virtual direto aqui. É importante entendermos isso. A mente começa a operar com naturalidade dentro disso - a mente dos advogados opera com naturalidade. Eu acho, assim, comovente que na naturalidade dos advogados é assim: toda empresa, toda organização como o CEBB, o Instituto Caminho do Meio tem que ter uma verba de garantia para perdas judiciais. Como? Sempre tem perdas judiciais, condenações de alguma coisa, de algum funcionário que então aciona a instituição. Nós praticamente não temos funcionários. A escola, no caso, tem muitos professores. Então, pode dar verbas rescisórias, você tem que ter dinheiro para cobrir caso aconteça alguma coisa. Mesmo que você faça tudo completamente certo, se alguém reclama, eventualmente tem algum acordo judicial, alguma coisa assim. Os advogados já, calmamente, dizem: olha, você precisa guardar um tanto de dinheiro porque... E o advogado diz: é bom você guardar dinheiro para me pagar. No fim você descobre que você tem que pagar advogado constantemente. Por que? Porque constantemente tem alguma coisa acontecendo. Então, você precisa de consultoria para andar nesse mundo jurídico, o mundo das leis, mesmo que você faça tudo perfeito. Só que esse mundo das leis, ele também é estranho porque ele é o mundo das interpretações das leis. Então há pessoas que interpretam de um jeito... Você precisa de advogados que tenham muita habilidade em interpretar de jeitos específicos que te favoreçam e produzam o funcionamento adequado das coisas. Uma coisa super estranha...

Mas aqui eu estou trazendo esse argumento apenas para vermos que construímos mundos e surgem mentes específicas, você treina a mente e dá nome de advogados, contabilistas, juristas, etc. Dá nome a essas pessoas que são especialistas em andar por dentro desses mundos desse tipo. Se você olhar, por exemplo, na parte de engenharia, é a mesma coisa. Há um mundo de referenciais, um mundo de termos técnicos, de um mundo específico de construções que constantemente vai mudando. Todo dia encontramos um outro tipo de material.

Se você olhar, por exemplo, o mundo dos médicos, dos cientistas, dos biólogos, vocês imaginam eles olhando a engenharia genética. Como que os seres têm duas orelhas e

poderíamos fazer um upgrade: agora três! Como que o frango que era magrinho agora virou um frango peitudo porque as pessoas gostam de peito de frango. Você vai fazendo melhorias genéticas, o que eles vão chamando. Então como que o trigo, que produzia de um certo jeito, vai sofrendo alterações genéticas e então ele adquire outras propriedades, completamente diferentes das propriedades originais. Vai indo. Eles vão manipular isso. Há um mundo mental onde tudo isso está operando por causalidade. Esse processo todo se refere a Alayavijnana. Aqui, por exemplo, enquanto eu falo sobre o mundo jurídico, isso é uma Alayavijnana conectada ao mundo humano. Mas por exemplo, se nós estamos olhando o mundo biológico, os seres, o funcionamento do corpo, o funcionamento do corpo dos seres, o estudo da engenharia genética dos vários tipos de seres, o estudo, por exemplo, dos extremófilos – um tipo de ser super interessante, porque eles têm a capacidade de sobreviver em condições muito hostis. Se estudamos isso, vemos que não é uma coisa do ser humano, é uma coisa muito mais ampla do que o ser humano. Essa mente Alayavijnana não é uma mente do ser humano. Agora, se não é a mente do ser humano como nós podemos acessá-la e entendê-la? Por que? Porque Rigpa não é a mente do ser humano, não é a lucidez do ser humano, Rigpa é Rigpa. Nós podemos penetrar no funcionamento de outros samsaras que não correspondam a nós propriamente. Nós vamos penetrando. Por que? Porque isso é Rigpa que penetra, nós vamos vendo como aquilo está operando. Esses mundos das mentes búdicas não tem fronteiras, não tem bordos, não tem individualidades. Mas nós criamos individualidades. Como que nós, seres humanos, com a individualidade humana, podemos entender coisas que pertencem a outros samsaras? Nós entendemos que nós não somos humanos propriamente. Nós estamos em um corpo humano, operando assim, mas nossa mente, a base da nossa mente é livre. Então ela penetra nos vários aspectos de Alayavijnana do jeito que for. Então esses são o segundo e o terceiro dos doze elos. O terceiro dos doze elos, para deixar isso mais claro, é Namparshepa, é Vijnana - Jnana, que é lucidez e Vi que é dual, então, é a capacidade lúcida de andar em meio aos significados duais, construídos, andar por dentro do samsara, dos mundos construídos. Aquilo que chamamos de a nossa mente é a capacidade de andar nos mundos construídos. Todo mundo pensa. Quando pensa, na verdade eles estão olhando os aspectos causais dos vários tipos de mundos construídos. As escolas têm por função principal introduzir os jovens nos mundos construídos atuais, pelo menos os atuais, que correspondem ao tempo que nós estamos vivendo. Elas nos ajudam a nos introduzirmos. Por exemplo, se esses fossem mundos naturais, não precisaríamos ser introduzidos. É do mesmo modo que um jogo, a pessoa não nasce sabendo jogar xadrez. Você tem que dizer: isso aqui, depois aquilo, e começa, não, esqueceu, não viu aquilo... Ele vai olhando, olhando, até que ele aprende a andar naquele mundo artificial.

Então os mundos nos quais estamos operando são artificiais, nós precisamos de um longo processo de escolarização para nos inserirmos no mundo artificial em que estamos operando. Os mundos artificiais em que estamos operando hoje são diferentes dos de dez anos antes, que são diferentes dos de vinte, trinta e quarenta anos. Com muita rapidez o conteúdo dos mundos vai se alterando, super rápido. Ele se altera em muitas diferentes situações. Por exemplo, no tempo em que eu era jovem, as frutas eram sempre sazonais, ou seja, tem a época da laranja, a época da maçã, do pêssego, da uva... Agora nós estamos em um tempo no qual a sazonalidade está desaparecendo, porque sempre temos as frutas em qualquer época. O tempo das hortaliças de um certo tipo, o tempo disso, daquilo... Mesmo os laticínios variam porque o gado produz muito mais leite em uma época do que em outra. Então há sazonalidade em tudo, havia um tempo em que a sazonalidade dominava o processo. Agora, não há mais sazonalidade, podemos comprar praticamente tudo o tempo todo. Mesmo as flores, elas são naturalmente sazonais, mas hoje podemos



comprá-las em qualquer época. Porque as pessoas foram ajustando certas coisas. Nas roupas, por exemplo, as fibras eram todas naturais, então hoje, quando surgiram as fibras artificiais, aquilo foi muito estranho, muito estranho. Parecia uma coisa extraordinária, porque as pessoas lavavam e já estava seco. Agora, as fibras essencialmente são artificiais. Tudo vai indo nessa direção. Quando surgiu o pesticida eu lembro da minha primeira sogra (a gente nunca esquece). Ela era uma pessoa super inteligente. Mas ela era uma pessoa, como vou dizer... de uma inteligência natural, de bom senso. Uma pessoa criada no campo, filha de fazendeiros, ela tinha um sentido de liberdade, liberdade de pensamento também. Quando surgiu o DDT, os primeiros pesticidas, surgiu o Flit. Não sei se alguém lembra do Flit, era uma bombinha de Flit... Você colocava seus filhos para dormir e enchia o quarto de Flit, DDT, por causa dos mosquitos. As crianças dormiam no meio de uma nuvem de DDT! Isso porque era um pai cuidadoso, aquele que enchia o quarto de Flit. Jogava um pouco na cara da criança para garantir... Ela dizia: “se aquilo mata o bicho, faz mal para as pessoas”. Aí todo mundo: “Que ignorância”. Porque na época aquilo (o Flit) era uma modernidade. Ele tinha surgido no período da guerra. É uma coisa curiosa. E aí surge aquilo. Quando surgiu água comprada, aí sim, tínhamos certeza de que aquilo era o fim do mundo, porque ninguém nunca tinha bebido água comprada. Muito curioso. É num tempo muito curto que surgem muitas transformações. O voto feminino parecia muito estranho. Porque vão dizer: “Para que as mulheres têm que votar? Aí o homem vota, para que as mulheres tem que votar? Dentro de casa tem dois, se um vota já está bem”. Era assim. Vamos supor que a mulher não queira votar igual ao homem, isso já é um problema... “Porque há uma divisão dentro do lar, um pensa uma coisa e o outro pensa outra? Isso já é um grave problema! As pessoas não têm individualidades.” Era uma coisa meio assim. E o voto dos negros? Isso foi num período anterior. Aquilo nos Estados Unidos foi depois de muitas mortes. Foi horrível. É muito curioso, em um tempo muito curto, muitas transformações. Agora nós estamos nos defrontando com a crise ambiental e ela é algo que decorre e cria um mundo de referenciais. Aquele mundo parece que está funcionando, só que ele produz uma série de problemas dentro de outros referenciais. Produz muitos problemas. Mas naquele mundo, por Avidya (ou seja por mantermos o foco naqueles referenciais) e por Moha (que é uma acomodação natural dentro daquilo), está tudo bem. Nós achamos muito estranho que aquele mundo seja eventualmente inviável. Nós estamos em uma crise civilizatória, por Avidya e Moha. Construímos uma civilização, ou seja, um conjunto de significados artificiais onde todos ficam operando dentro. Há especialistas naquilo, está tudo operando direitinho. Quer dizer, mais ou menos, mas operando. E achamos estranho que possa aquilo ter uma consequência que afete o próprio sistema como um todo. O sistema como um todo parece totalmente soberano. Se olhamos outras estruturas desse tempo como ainda as culturas indígenas e culturas de outros locais, culturas localizadas, achamos super estranho o jeito deles, como se fosse um jeito atrasado. Mas esse é um encontro: é a estranheza de Avidya se encontrando com Avidya. Há uma estranheza. Há uma dificuldade da estrutura cultural que brota por dentro de Avidya de digerir e lidar com outras estruturas culturais, com outros referenciais. Muito estranho assim. Aqui, vamos entender que Vijnana, que é o terceiro dos doze elos, é a operação da mente por dentro de um conjunto de referenciais. É essencialmente o surgimento dum mundo. Quando surge um mundo de referenciais, que é o mundo, a operação da mente por dentro do mundo é Vijnana. Na maior parte da nossa operação mental, ela se dá desse modo. Os místicos são aqueles que operam por fora disso, eles têm a capacidade, tem a visão. Eles são capazes de ver além dos mundos construídos. Quando dizemos isso parece muito estranho. Isso falando assim fica místico. Fica impossível. Mas não tem uma coisa

verdadeiramente complexa nisso. Nós nos fundamos operando dentro de mundos, mas nós temos naturalmente, o tempo todo, a capacidade de criar outros mundos, de fazer outras coisas. Nós temos a liberdade natural operando dentro de nós e nós temos o potencial de Rigpa o tempo todo. Não há nada de extraordinário nisso. Se acharmos que há alguma coisa extraordinária, o que há de extraordinário é surgirem dentro de mundos artificiais e ficarmos presos dentro deles. Isso é um processo extraordinário. Então aqui nós estamos olhando os três primeiros dos doze elos, olhamos nesse momento.

Quarto dos doze elos é um pouco mais difícil de entender, sempre fico procurando exemplos melhores, porque o quarto dos doze elos é o início da materialidade, é o início do surgimento do corpo no observador, ele também é chamado de vir a ser. Esse elemento surge como aspiração de controle sobre as marcas mentais, por exemplo nós temos um foco que define enfim a área de interesse, nós temos os objetos na área focal, nós podemos ir de um lado para outro e etc... Mas esse movimento é um movimento livre. Se nós queremos acessar as construções mentais anteriores, nós podemos ficar preso, podemos ficar perdido, para entender isso às vezes eu uso esse exemplo da lista de compras: A pessoa vai para o supermercado, mas antes de ir ela palmilha as coisas, olha os armários, olha tudo e vai anotando tudo, quando ela chega no supermercado ela puxa a lista de compra, porque ela precisa de uma lista, porque a mente dela é livre. Quando a pessoa foi elaborar a lista, ela focalizou uma coisa, focalizou outra coisa, ela foi encontrando aquilo, ela vai criar uma artificialidade agora, essa artificialidade irá representar o conjunto de experiências mentais que ela teve, se ela não representar aquele conjunto experiências mentais numa nova experiências mental é uma espécie de uma lembrança clara que ela possa acessar as experiências mentais anteriores, ela não acessa. Porque ela não acessa, ela poderia acessar pois a lista toda vem da mente dela, então porque ela não brota novamente, porque para brotar aquilo precisa de condições específicas naquelas condições brota aquilo, olha de novo, aquilo abre de novo, aquilo vem por originação dependente, se não passar por dentro daquelas condições aquilo não vem, então cria uma condição artificial agora mais fácil quando você olha, aquilo retoma aquela visão. Nesse momento você cria uma artificialidade, se você não criar isso você chega no supermercado e começa olhar as prateleiras, você começa a operar a mente a partir das experiência das prateleiras e não a partir da experiência da casa. É natural e todo mundo sabe que se nós formos comprar muito mais coisa que realmente não precisa só porque nós estamos olhando para as prateleiras do supermercado é não para aquilo que estava precisando em casa. Essa é nossa situação assim nós olhamos aquela lista e segue assim, e nada de ter boas ideias só ter olhado para as prateleiras. Esse objeto mental específico que nós estamos criando, essa listagem essa memória, ele surge com uma mente específica, essa mente específica começa a ver esse objeto, essa mente e esse objeto eles vão terminar construindo o elo subsequente, nós vamos operando aquilo, operando aquilo que vai surgir o órgão físico que vê a luz por exemplo, que vai surgir o órgão físico que vê o som, que vê as várias coisas.

Desse processo vai surgindo essa transformação que via originando o quinto passo do nobre caminho de oitos passo que é shadayatana, que são os órgãos físicos, desculpa o quinto elo eu disse passo é o quinto elo da originação dependente que é shadayatana, Esse caminho é sempre o caminho de estreitamento. Nós começamos com o primeiro elo tudo muito aberto; segundo elo já tem referenciais, eu vou estreitando; terceiro elo, operação da mente por dentro dos referenciais; quarto elo, por dentro de escolhas específicas desses referenciais. Como é que vão surgir as escolhas? Eu não estou olhando para as prateleiras todas, eu estou olhando para um mundo mental que eu construí previamente. Eu olho só para algumas coisas dentro daquilo que está aparecendo.

Isso vai se refletir imediatamente no quinto elo, por exemplo quando eu estiver olhando com olhos, eu só vejo o que os olhos têm sensibilidade. O que eles não têm sensibilidade, eu não vejo. Isso não quer dizer que não exista. Tem as prateleiras todas, mas ali eu só vou olhar arroz integral, farinha de trigo integral, vou olhar coisas assim. Por exemplo, as prateleiras de margarina, eu já não olho. Então nem olho. Certas coisas nós não vemos, porque nós temos um filtro já. O olho operando com luz tem um filtro para uma faixa de frequência de luz. Isso não quer dizer que não tenha as luzes das margarinas, as luzes de outras coisas que nós não estamos olhando. Nós estamos olhando aquilo assim.

Do mesmo modo os ouvidos. Os ouvidos não ouvem qualquer coisa, eles ouvem frequências. É do mesmo modo o tato. Nós temos um tipo de sensibilidade e assim por diante. Essas sensibilidades nos permitem acessar uma pequena fração do conjunto de marcas mentais que têm de objetos que podem ser vistos em várias direções. Nós começamos a ver só um pouco. Como nós estamos operando com avidya, com foco, nós mantendo a operação da mente naquele foco - daquele conjunto de coisas que eu consigo ver - parece que aquilo é completo. Essa sensação de que aquilo é completo é moha. É o aspecto da ignorância que nos acomoda. Todos nós, por exemplo, nesse lugar aqui exato onde nós estamos nesse momento, olhando em volta, não parece que a nossa visão tenha qualquer problema, falte qualquer coisa. Vocês podem ter certeza que as minhocas andando pelo chão não acham que esteja faltando qualquer coisa para a visão delas. As serpentes andando pelo pátio não acham que esteja faltando qualquer coisa. Elas não veem que elas não veem. Nós também não vemos que não vemos. Nós só vemos o que vemos. E o que vemos é suficiente, nós estamos vendo, não falta nada. Essa sensação de que não falta nada é moha. Isso é uma acomodação natural. Nossa mente fica ocupada com aquilo que ela vê e pronto, suficiente. Essa é a razão pela qual os cientistas, geração após geração, acham que eles estão vendo o que eles precisam ver e pronto. Surge o quinto elo.

O quinto elo já é apresentado explicando esse aspecto restritivo. Porque o exemplo do quinto elo é uma casa com seis janelas. Se diz: tem uma pessoa dentro e ela olha pelas janelas. A pessoa vê através de olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente. Os órgãos dos sentidos acionam o funcionamento da mente, os objetos correspondentes aparecem. Esse processo de surgimento parece completamente objetivo. A sensação de que isso é a percepção de um mundo objetivo faz parte do estreitamento da visão enquanto avidya e enquanto moha - a objetividade. Mas deveríamos desconfiar dessa objetividade.

Se vocês olharem, por exemplo, os gregos. Eu prefiro entender os gregos desse modo: eles pintam lá Vênus ou, aliás, eles esculpem Vênus. Quando eles esculpem Vênus, eles não estão esculpindo uma mulher, eles estão esculpindo uma deidade. Isso é super especial de entender. Porque se tiver uma pessoa com aquela aparência, você vai dizer: bom uma pessoa. Mas você tem uma pedra no formato feminino e quando você olha, você acha bonito, você não está olhando e dizendo que a pedra é bonita. Eu encontro a forma sutil que está impregnada na pedra. Essa forma sutil é a deidade. Se for uma pessoa, você vai dizer: "oh, a pessoa é charmosa", por exemplo, mas aqui você está olhando uma pedra. Então eles descobrem o jeito de você revelar as deidades. Todas as deidades estão esculpidas. Quando você olha, a pessoa tem a experiência. Esse aspecto nos permite retirar a objetividade do objeto. A deidade, por exemplo. Se a pessoa olha e vê a deidade, ela não vai dizer que a deidade está dentro da pedra, e se olhar pro outro lado, não está a deidade. Ela reconhece que a deidade é algo que se espelha em

vários lugares. Isso pro budismo vajrayana é assim, é super próprio. Essa noção das várias deidades têm sentido assim. Nós escapamos da sensação de objetividade. Os objetos que surgem são inseparáveis do próprio observador. O objeto ganha vida a partir do observador. Mas aqui, em shadayatana, nós não estamos entendendo isso. Nós temos uma sensação de objetividade. Estamos vendo coisas nelas mesmas, lá.

Aqui eu estou descrevendo o quinto elo, mas ao mesmo tempo já estou descrevendo o sexto elo. O sexto elo é o contato. Os seres estão em contato - contato sensorial - com as várias aparências. Nesse momento vocês vejam como houve um estreitamento. Nesse momento nós estamos olhando os objetos que podem aparecer a partir da experiência de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Antes, eu via objetos que estavam presentes na mente, nos mundos construídos. Antes disso, eu construía mundos. E antes disso, eu tinha liberdade da operação da mente livre dos mundos construídos. Cada vez nós estamos com um estreitamento maior. O sexto elo é como se a nossa mente começasse a operar de modo natural a partir de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Não sentimos que falta coisa alguma. Nós estamos operando naturalmente. Está tudo bem, não falta nada. Estamos encarnados, operando. Agora quando nós olhamos os objetos, vem o sétimo elo, mais estreitamento. O sétimo elo é simbolizado por uma pessoa enfiando uma flecha no próprio olho. Se o olho já era um tipo de cegueira... É uma coisa curiosa, como é que os sentidos físicos são cegueira? Eles são cegueira, porque os sentidos físicos vão permitir que a mente opere a partir dos objetos que surgem aos sentidos físicos. É como se tirasse o sentido abstrato. A liberdade da mente se restringe, agora, a operar por dentro daquilo que fere, que toca nos sentidos físicos, que é muito mais restrito. Por exemplo, o mundo espiritual desaparece totalmente. Nós estamos operando dentro de uma perspectiva objetiva, causal e externa. Agora tudo fica um pouco pior, porque nós olhamos para as coisas e vamos classificar o que nós gostamos ou não gostamos. Essa experiência está ligada à nossa energia. Ela está ligada a como a construção da experiência dos vários objetos surge para nós. Por exemplo, se formos olhar na área da culinária. Essa é uma coisa interessante, porque tem pessoas que comem certas coisas e outras comem outras coisas. Achamos muito estranho as pessoas comerem algumas coisas e outros acharem muito estranho comer outras coisas. Nós podemos ter, assim, aversão. Esse processo também é um processo transitório. Pode ser que durante um tempo a pessoa não goste daquilo, mas daqui outro tempo ela começa a gostar. Eventualmente ela gostava, agora já não gosta mais.

Essa é uma área cármica, claramente cármica. Ela também é cultural. Nós gostamos daquilo que nós temos uma experiência cultural de grupo que pareça melhor. Isso corresponde a vijnana. Vijnana não tem uma objetividade, não tem uma lógica. Ela surge a partir das estruturas cármicas e como nós nos relacionamos com as coisas. Do mesmo modo, vijnana rege as relações que nós temos entre as pessoas. Nós podemos olhar alguém que tenha uma ligação muito boa, tipo pai e mãe. Quando nós crescemos, lá pelas tantas, não temos mais uma relação boa com pai e mãe. Passa mais um tempo, nós voltamos a ter relações boas com pais e mães. Isso vai flutuando de acordo com o jeito pelo qual nós construímos a experiência do outro. Essa experiência do outro é uma experiência aberta, totalmente aberta.

Essa é uma área onde o Darma vai trabalhar. Nós vamos trabalhar isso. O Buda vai nos ajudar a entender como que nós vivemos no meio de tudo isso. É a experiência de gostar ou não gostar.

Na sequência nós temos assim: o que nós gostamos nós queremos, o que nós não gostamos nós não queremos. Surge desejo e apego, que corresponde ao oitavo dos doze elos.

Desejo e apego é uma consequência natural dessa experiência. Eu gosto ou eu não gosto. Aquilo que eu gosto, eu quero; aquilo que eu não gosto, eu não quero. É muito simples. Disso surge upadana, que é o nono dos doze elos. Upadana vai ser o processo que essencialmente domina a nossa mente. Upadana direciona o quê que nós estamos fazendo. O tempo todo nós estamos buscando o que queremos e buscando nos afastar do que não queremos. Se nós pararmos um pouco a mente e observarmos o quê que a mente está operando, é essencialmente isso. Nós estamos nesse movimento e assim nós vamos obtendo muitos diferentes resultados. Vamos nos capacitar a encontrar esses resultados. Na sequência de upadana surge uma consolidação da sensação de identidade operativa, que é a nossa identidade. É o conjunto de inteligências que nunca está completo, nunca é totalmente hábil. Mas é um conjunto de inteligências que nos permite andar no mundo de representações, no mundo de construções mentais e significados. E andar de uma forma hábil que eu encontre o que eu gosto e escape do que eu não gosto.

Todos os seres terminam desenvolvendo esse tipo de habilidade. Não apenas seres humanos, mas todos os seres. Eles têm um nascimento. O décimo nível é bhava. Bhava é existência. Esse nível, nos desenhos da roda da vida, corresponde a uma mulher que vai dar à luz. Surgiu o décimo primeiro elo. O décimo primeiro elo é quando os seres se empoderam. Eles dizem: essa inteligência, eu tenho; esse corpo, eu tenho; eu sou isso. Nós nos movemos em meio ao mundo das representações. Nós não vemos o mundo real, não vemos o mundo amplo. Nós estamos dentro de um mundo onde nós estamos operando a partir do que nós gostamos ou não gostamos.

Esse mundo a partir do gostar e não gostar é um mundo estreito em relação a tudo que pode ser pensado. Nós estamos agora com um foco mais estreito. Então é natural nós encontrarmos também outras pessoas que estão operando com foco estreito. Nesse tempo que nós estamos vivendo agora é como se houvesse um choque entre visões que tentam operar de forma mais ampla (com outras opções, entendendo as pessoas, os outros seres, etc) e visões que operam reificando a importância do foco estreito e decisivo, ou seja, o que importa sou eu mesmo e pronto. Esse funcionamento, de um modo geral, é perdedor. Ele tem problemas.

O pensamento dentro do samsara, que envolve um número maior de pessoas articuladas funcionando numa certa direção, é um pensamento vencedor - dentro do samsara. Mas esse encontro sempre se dá. Isso é uma tensão que sempre vai ocorrer. Surge, portanto, esse funcionamento no décimo primeiro elo, que é jetai. Jetai são as circunstâncias da vida. Todos nós estamos submetidos a isso. Nós estamos andando, mas nós não temos um êxito propriamente. Se formos olhar sobre o ponto de vista individual, não há êxitos nesse processo. É um processo que nos esgota. Nós vamos indo e o processo se esgota. O processo da vida é um processo que termina consumindo a nossa energia vital e nós terminamos chegando no décimo segundo elo.

O Décimo segundo elo é quando a nossa energia vital termina, nós nos sentimos derrotados. Tem um processo no qual o futuro deixa de existir na nossa mente - a nossa mente humana, nós operamos assim. A nossa bolha de realidade inclui o passado, inclui o presente e inclui o futuro. Quando

nós envelhecemos, o departamento do futuro vai diminuindo, diminuindo e desaparecendo. Então as pessoas começam a viver no presente e no passado. Porque não faz sentido pensar no futuro, não faz sentido. Aquilo vai desaparecendo. Isso é o que caracteriza a velhice propriamente: é a ausência do futuro. Isso não quer dizer que quando a pessoa está operando com presente, passado e futuro, ela esteja lúcida. Ela não está lúcida também, porque é um futuro inexistente, um passado inexistente e um presente inexistente. É tudo virtual e muda constantemente: passado muda constantemente, presente muda constantemente, o futuro também muda. Não tem uma realidade nisso, mas a pessoa tem essas categorias - ela está operando dentro dessas categorias. Mas surge esse processo.

Nós vamos dizer: o corpo entra em decrepitude progressiva. Os tibetanos costumam dizer: “os elementos ficam cansados”. É como se a terra, água, fogo, ar e éter [cansam]. Essa experiência física é interessante para nós contemplarmos: o quê que significa os elementos cansarem.

A nossa experiência dos elementos não é uma experiência direta dos elementos brotando da natureza primordial, mas são os elementos se filtrando por dentro de estruturas cármicas. Essas estruturas cármicas vão gerando resíduos e esses resíduos vão impedindo o fluxo natural. Os elementos cansam. O cansaço dos elementos se traduz como decrepitude. Essa decrepitude produz a perda de vitalidade. Portanto, a perda de vitalidade já é a própria decrepitude. Ela vai produzir o adoecimento. Decrepitude e envelhecimento são a mesma coisa. Vai produzir adoecimento. Nós estamos sempre com o processo de impermanência operando nas nossas estruturas. Esse processo de impermanência é tal que a nossa vitalidade é sempre demandada para reparar – nós estamos sempre reparando pequenos danos. Mas quando esse processo de vitalidade se reduz, a reparação dos danos não acompanha muito bem. Isso vai produzir então doença e posteriormente a própria morte. Quando nós estamos no processo do décimo segundo elo, o foco da nossa mente cada vez se estreita mais. Antes nós podíamos ter uma vida olhando para muitas direções no tempo - para frente, para trás. De repente nós temos: o tempo vai estreitando; o foco da nossa mente vai estreitando junto com o tempo. Esse foco vai estreitando também o espaço. Então os lugares aonde nós vamos, o quê que nós vamos fazer, vão se estreitando. Por fim, nós estamos dentro de casa. Daqui a pouco nós estamos no sofá da sala. Daqui a pouco nós estamos na cama. Daqui a pouco nós estamos numa cama de hospital. Daqui a pouco nós estamos olhando para o nosso corpo. Daqui a pouco nós estamos focando apenas na respiração. Daqui a pouco: “puf”, aí cessa a operação mental. Então o processo da vida é um processo de estreitamento constante em direção à morte. Esse processo de estreitamento termina com uma abertura novamente. A morte é sucedida por uma abertura. A mente se liberta das limitações que havia a nível do corpo, a nível dos referenciais dos mundos todos, ela tem novamente uma abertura. Essa abertura vai terminar se traduzindo pela operação numa vida dentro dessa abertura que surge, do jeito que ela for. Essa abertura, de um modo geral, nunca é uma abertura completa. É uma abertura para dentro da mente fundamental condicionada. Nós vamos encontrar outros mundos condicionados. Do mesmo modo que alguém sai de um país, vai morar em outro e vai encontrando outras coisas. Nós temos outros mundos condicionados.

Os tibetanos especialmente - budistas em geral - usam muito para contemplar esses sistemas. Eles descrevem o fato - que também está presente na visão do Buda, budismo na Índia - de que a nossa mente não é necessariamente humana. Isso às vezes produz um estranhamento, porque numa visão humana, dentro do samsara humano, parece estranho

que a pessoa possa renascer como um outro ser que não ser humano. Afinal, a pessoa é um ser humano!

Dentro da visão teosófica, por exemplo, isso é uma coisa que não existe. As pessoas estão num processo de crescimento de consciência e expansão de consciência. Na visão budista, todo o mundo condicionado está perdido. Nós não temos propriamente uma evolução, nós temos uma perda, um estreitamento por avidya da nossa mente. Isso é o que acontece. Se a pessoa atinge o máximo da visão espiritual, ela simplesmente retorna ao ponto usual, ela não adquiriu nada. Em algumas tradições religiosas ou filosóficas é como se nós tivéssemos um processo de expansão constante. Na visão budista não é. Também os outros seres todos são como que focos específicos da própria mente búdica e os seres todos estão interligados nesse nível da mente búdica. Pode ocorrer das pessoas ressurgirem em outros ambientes mentais, do mesmo modo que os seres humanos podem surgir em muitos diferentes ambientes mentais. Como, por exemplo, os esquimós e os seres que habitam as florestas úmidas que ainda existam e que habitam tradicionalmente.

Ou nós vamos olhar a história da humanidade. Vamos que as pessoas faziam coisas muito diferentes em diferentes lugares. Isso é muito extraordinário de ver: essa multiplicidade de inteligências humanas.

Na visão budista, as inteligências humanas são exemplos da inteligência búdica. Todos os outros seres - incluindo as plantas, todos os seres em todas as direções - são expressões da inteligência búdica. Eles são vivos, são capazes de construir realidades e fazer coisas. Eles são a expressão da mente búdica luminosa igual. Essa mente que nós estamos operando agora - essa sensação de identidade - pode surgir por dentro de outros mundos, gerando o seu funcionamento através de outros tipos de corpos.

Esse ponto é um ponto interessante, vocês vão perceber. Nós sabemos que os seres humanos surgiram num certo momento no meio dos seres vivos e que eles vão passando por vários processos evolucionários do próprio corpo. Nós já tivemos muitas diferentes raças humanas, espécies humanas, que é uma coisa um pouco estranha. Nós achamos que os seres humanos somos nós e pronto. Nós teríamos que entender que no tempo dos dinossauros, por exemplo, todos os dinossauros tinham natureza búdica. Mesma coisa. Não havia seres humanos no tempo dos dinossauros. Os seres humanos vão surgir depois. Então a natureza búdica já existia há muito tempo.

Agora nós manifestamos a inteligência búdica no corpo humano nesse momento. O que há de grande novidade, no aspecto extraordinário, é o fato de que essa natureza búdica foi contemplada pelo fato que o Buda apareceu por aqui e explicou isso para nós. É completamente inusitado, extraordinário, que tem uma consciência clara, que tem um conjunto de palavras que explica tudo. Isso é inusitado. Se diz que em milhares e milhões de ciclos universais, o Dharma aparece uma ou outra vez. Agora nós estamos vivendo um tempo onde há o Dharma, há essa clareza. Na maior parte do tempo, os seres - as mentes búdicas - simplesmente operam como os seres da natureza, de modo natural preso a avidya específicas e andando, assim, sem uma consciência disso.

Os seres humanos, neste momento, estão abençoados. Eles estão beneficiados pelo fato de que os Budas vieram, deram os ensinamentos. Não foi apenas um Buda, são sucessões de Budas e Bodisatvas que seguem se manifestando. Nós estamos num tempo completamente extraordinário. Nós estamos sentados aqui hoje pensando sobre isso - é algo totalmente inusitado para os seres humanos. Nós deveríamos

estar na cozinha trabalhando, fazendo alguma coisa útil. Nós estamos aqui olhando isso. O quê é isso? Isso não diz respeito à natureza humana. Esse é um outro tipo de mente. Dentro do mundo dos seres humanos surgem esses seres humanos estranhos que ficam pensando esse tipo de coisa. Nós estamos olhando assim. Isso surge a partir dos Budas e Bodisatvas que são capazes de atravessar as aparências e ver o sentido profundo das coisas. Esse caminho pode começar pelo caminho de contemplar a dor e o desconforto. O Buda começa nesse ponto, porque esse é um ponto universal, todos os seres têm. Ele pega e vai iluminar a dor. Ele começa pelo desconforto e dor que todos os seres sentem aqui ou ali. Quando olhamos de forma mais ampla, nós estamos começando por duka que são as alegrias e as dores – inseparáveis. Aprofundando isso, que é a nossa experiência comum, nós iluminamos isso e vivemos de uma forma muito mais ampla do que o nosso próprio mundo.

Esse é o caminho dos doze elos da originação dependente. Nós começamos estreitando nosso foco, ou seja, ganhando foco. Quando nós ganhamos foco, nós não vemos o que está fora do foco. Isso já é avidya. O conforto dentro disso é moha. Esse processo vai se tornando mais e mais complexo dentro de mundos específicos, que é onde nós estamos operando. Nós estamos construídos dentro desses mundos. Só que o Buda entrou nesses mundos e explicou a partir dos códigos desses mundos. Buda conseguiu explicar e nós conseguimos acessar a rigpa. Se nós começarmos a olhar como é que a mente está operando dentro disso, rigpa é o caminho de saída. Rigpa é o fato de que a mente é consciente da mente. Nós vemos o que a mente faz. E o Buda explica o quê que a mente faz. Nós olhamos e vemos. Agora se nós ouvirmos isso e não fizer o caminho de contemplar o quê que a mente está operando, nós não desenvolvemos essa visão de dentro. Nós não desenvolvemos a visão de dentro, não tem a possibilidade de liberação, porque a liberação é uma liberação que vem de dentro, não vem de fora. A contemplação é crucial. Os doze elos explicam esse processo todo. É muito extraordinário. Eu aqui estou trazendo o início dos doze elos. Depois vou explicar outras partes. Eu vou dar sequência, dar um exemplo de como é que um ser surge e depois eu vou explicar a liberação dos seres criados seguindo no sentido inverso, do décimo segundo elo para trás. E depois eu vou olhar cada um dos doze elos como manifestação de uma construção luminosa da natureza búdica mesmo, para nos liberar cada um dos níveis desses doze elos.